



UMA REVISTA
COLABORATIVA SOBRE
CULTURA LATINO-AMERICANA

ÑANDUTI FRONTEIRIZO
LINEAS EN LA ARENA: NAZCA
UNILA PELA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA
O MUNDO CONTRA UMA PLANTA MILENAR

ISSN: 2358-4831



DESCOLONIZE-SE >>

ÍNDICE

**CULTURA NA FRONTEIRA:
POSSIBILIDADES E
IDENTIDADES EM**

TRÂNSITO

MICHELE DACAS

04.

**UNILA PELA
DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA**

JAQUELINE AZEVEDO

12.

**A ILHA DO BRASIL:
UM ENSAIO SOBRE A
LATINIDADE BRASILEIRA**

NÍCOLLAS CAYANN

22.

**ALABÊ ÔNI: QUANDO
SOAM OS TAMBORES,
QUANDO O CORPO É**

REZA

GUILHERME CRUZ

28.

**LINEAS EN
LA ARENA**

CHASKA

08.

**A CULTURA DO ESTUPRO
E O PATRIARCADO
VIOLADOR: NOSSO
CORPO VERSUS VOSSAS**

INSTITUIÇÕES

*CYNTHIA JAZMIN,
LUNA MONTALBETTI,
ELLEN SCHNEIDER*

16.

**ÑANDUTI
FRONTEIRIZO**

JULIANA ADYLIN

24.

**O MUNDO CONTRA UMA
PLANTA MILENAR**

RENAN XAVIER

10.

**DAS TERRAS SEM MALES
AOS MALES SEM TERRAS**

RENNAN PINNA

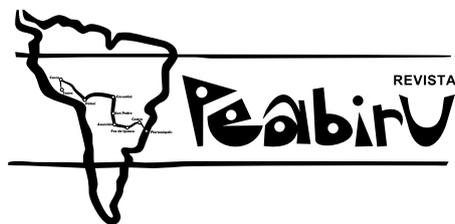
20.

**AQUÍ ES DONDE
REBOTAN LOS SUEÑOS:
FRONTEIRA ENTRE
MÉXICO E ESTADOS
UNIDOS**

JÚLIO DA SILVEIRA MOREIRA

26.

+ PÔSTER



EQUIPE

EDITORAÇÃO: MICHELE DACAS

PRODUÇÃO: FRANCIELE CONSALTER SAVARIS E MICHELE DACAS

BOLSISTAS: CYNTHIA QUITORÁN, JAQUELINE AZEVEDO

DIAGRAMAÇÃO: SARAH SCHOLZ DIAS, ROGER DOURADO, ALEXANDRE NUNES DE MOURA E SOUZA E MARCO POLO GOMES DE AZEVEDO

REVISÃO ESPANHOL: SILVANA MAMANI

REVISÃO PORTUGUÊS: JAQUELINE BOHN COUTO

CAPA: COPACABANA NA BOLÍVIA POR ANDRÉS CARVAJAL

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

ADOLFO DELVALLE, ANDRÉS CARVAJAL, ANITTA DELVALLE, CYNTHIA JAZMIN LUNA MONTALBETTI, DENISE RODRIGUES, DIANA CANALES ARANA, ELLEN SCHNEIDER, FRAN REBELATTO, GUILHERME CRUZ, ISAAC SOUZA DE JESUS, JAQUELINE AZEVEDO, JÉSSICA AMOREIRA, JOÃO PEDRO DE MELO PORTO, JULIANA ADYLIN, JÚLIO DA SILVEIRA MOREIRA, MARCOS LABANCA, MICHAEL JULIANO, MICHELE DACAS, NÍCOLLAS CAYANN, RENAN PINNA, RENAN XAVIER, ROMILDO MARQUES.

REALIZAÇÃO:

SECOM, PROEX, PROGRAMA MAIS CULTURA NA UNIVERSIDADE



MAIS CULTURA NAS
UNIVERSIDADES
MEC/MINC



EDITORIAL

Em busca de atravessar novas fronteiras e romper as distâncias entre o digital e o impresso, a Peabiru lança mais uma edição para estar ao alcance das mãos e da memória. São travessias em busca do contato visual, da reflexão e dos sentidos que o folhear de uma revista impressa e digital pode provocar. Por isso, acreditamos na forma que converge e que faz emergir e ampliar nossas referências de mundo, sempre sob um ponto de vista latino-americano e descolonizador. Sobre o qual nos aprofundamos a cada edição. Ao longo dos sete anos de missão integracionista da UNILA, consolidamos a Peabiru como a revista cultural da Universidade e também como um espaço democrático para ecoar diversas autorias, conformadas nas inquietudes da cultura regional. Tornando visível a produção de textos, imagens e *miradas* de estudantes, professores e representantes da comunidade daqui e de acolá. **Construímos as páginas da revista para serem telas visíveis da interculturalidade, dando ênfase para o entrelaçamento cultural de nuestra América Latina, com as peculiaridades da fronteira trinacional. Pensando nisso, elencamos uma série de autorias e materiais para indagar nosso olhar e nos posicionar diante das estruturas, dos simbolismos e das representações que tecem aquilo que somos e reproduzimos para o mundo.** Nos textos desta edição, repensamos a “Cultura na fronteira” e a busca por novos espaços, *movidas* e expressões locais. Nos deparamos com uma abordagem crítica sobre os supostos mistérios das construções antigas, em “Lineas en la arena”, sobre Nazca no Peru. “UNILA pela diversidade linguística” traz o bilinguismo na Universidade e as suas vertentes como tema. Debates sobre a construção social sobre o uso da *hoja de coca* na Bolívia, em “O mundo contra uma planta milenar”. Resgatamos as demarcações territoriais e o deslocamento *guarani*, no texto “Das terras sem males aos males sem terras”. Nestas páginas, também há o tecer da cultura paraguaia com o tear do “Ñanduti Fronterizo”. E outras fronteiras são problematizadas, como o deslocamento de imigrantes mexicanos em Tijuana, em: “Aquí es donde rebotan los sueños: fronteira entre México e Estados Unidos”. Além disso, se faz presente a raiz musical com “Alabê Ôni: Quando soam os tambores, quando o corpo é reza”. Já no texto “A Ilha do Brasil: Um ensaio sobre a latinidade brasileira” tratamos do pertencimento do Brasil à identidade latino-americana. Porém, a cultura que contribui para a evolução do ser humano também pode ser repressora, conforme relata o estudo “A cultura do estupro e o patriarcado violador”.

DESCOLONIZE-SE E INTEGRE-SE!

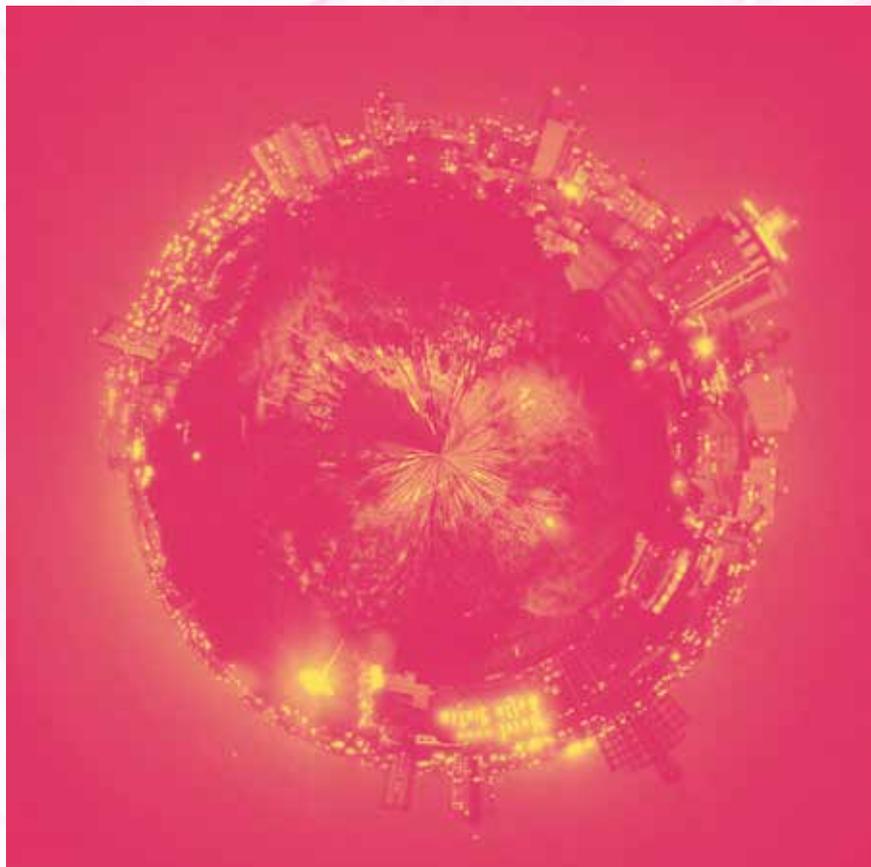


*Cultura na
fronteira:
possibilidades
e identidades
em trânsito*

por Michele Dacas'

Desde que cheguei a Foz do Iguaçu em 2011, pude observar a transformação cultural que é cada vez mais intensificada na cidade e região, que, naqueles tempos primórdios de instalação da UNILA, pareciam desertar aqui qualquer possibilidade de dinâmica cultural. À primeira vista, parecia “não haver cultura” na cidade, quando o que não existia era empoderamento e apropriação dos espaços, dos saberes e dos fazeres pelas pessoas, salvo alguns casos ou relatos de um tempo remoto, no qual os moradores diziam haver mais atividades e opções em Foz. Mesmo assim, quando aqui chegamos, não desertamos nosso otimismo com a cidade por essa aparente inaptidão cultural, até porque, como pensar isso quando se está diante das possibilidades e das identidades em trânsito que a fronteira oferece? Desde o princípio, quando Foz é concebida como fronteira, e não de costas para ela como a projeção urbana sugere, a cultura torna-se pulsante, e o lugar pleno de oportunidades e encontros. De antemão, a aparente inexistência de um cenário cultural torna-se um desafio no âmbito da compreensão e do fazer de quem aqui está e de quem chega. Principalmente porque o próprio entendimento de cultura deveria escapar de concepções que a limitam às práticas e obras consideradas universais, que restringem o seu conceito ao escopo de seletas manifestações artísticas, tais como a cultura erudita ou os patrimônios edificados.

É uma questão de entender a cultura em seu conceito amplo, próximo da dimensão antropológica, mas que é concebida entre as variantes que percorrem suas ambivalências, entre as artes e a vida comum, entre o orgânico e o civilizatório, entre aquilo do que vivemos e para o que vivemos. Em outras palavras, “o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos e o que o mundo nos faz” (EAGLETON, 2005, p. 11). Essas variantes incluem valores, conhecimentos,





fazer, crenças, artes e costumes, que atribuem significado ao ser humano como membro de uma sociedade. Portanto, pensar que não há cultura em algum lugar é assumir uma perspectiva etnocêntrica própria da Europa capitalista em meados do século XVIII e XIX, que a tomavam como sinônimo de progresso (CHAUÍ, 2008), categorizando tudo o que fosse distinto do seu modelo de civilização, baseado no estado, no mercado e na escrita, como falta de cultura, justificando práticas de domínio e expansão territorial como o colonialismo.

A recente efervescência da cultura na cidade e também na região é um aspecto que chama a atenção de quem chegou há cinco anos no local, não porque não havia cultura, mas a visibilidade e o alastramento de grupos, indivíduos, agentes criadores, produtores, atuantes no campo da cultura são crescentes e vêm tomando os espaços. Isso ocorre menos ainda por conta de uma iniciativa empresarial ou governamental, mas pelo encontro que a fronteira oferece entre as referências de quem aqui chega e a memória dos que aqui já estão. Esses encontros formam um cenário potencializado pela articulação em rede, pelo avanço e disseminação das novas tecnologias e as possibilidades de desenvolvimento de conteúdos digitais e difusão de ações variadas. Ainda tem a motivação advinda da instalação de uma universidade pública como a UNILA, pois seus alunos e professores propõem irradiar para além das estruturas acadêmicas o pensamento crítico, a interculturalidade e a diversidade que constituem a Universidade, por

força dos estudantes e profissionais da educação que integram a Instituição. No entanto, embora por um lado a Universidade e tudo o que ela representa em termos de diversidade impulsionem a cena cultural da cidade e da região, por outro lado ela entra em choque com o local ao alterar as modalidades e os padrões de vida existentes.

Mesmo em um local como Foz do Iguaçu, reconhecido por haver o convívio entre tantas raças e etnias, existem barreiras entre toda essa pluralidade ainda desconexa de diferentes culturas. Observa-se, aqui, uma vocação intercultural ainda incipiente e um conservadorismo que perpetua o racismo, a xenofobia, a homofobia, o preconceito social e a violência contra a mulher, repudiando toda e qualquer diferença. Grande parte das pessoas que constituem a UNILA é um pouco de tudo isso que questiona os ideais normativos da sociedade. E essas pessoas circulam, colocam-se em contato com quem está em trânsito, com quem reside, atravessam os outros lados, convergem, recriam e ocupam espaços. E são nessas relações que se constitui o *unileiro*, como uma identidade em contraponto a toda a unidade de significados tradicionais que representam as estruturas da cidade. Assim, o *unileiro* emerge mais como “o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída” (HALL, 2012).

Mesmo a contrapelo, é notável a contribuição da UNILA para essa mudança de cenário. Essas conexões e

outros fatores ainda submersos na teia cultural fronteiriça fazem surgir aos nossos olhos e sentidos toda uma *movida* cultural na música, no cinema, na culinária, na dança, no teatro, nas *artesanias*, nas memórias, nas representações das minorias, nas feiras, na literatura, nos fazeres e nos saberes. São comunidades, grupos, brincantes, coletividades, indivíduos, associações, cooperativas organizadas ou não, que tornam o território cercado pela fluência das três margens uma região para vivenciar diversas linguagens e expressões.

RESSURGEM MOVIMENTOS DE VALORIZAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS POPULARES QUE INCENTIVAM TANTO A REDESCOBERTA DOS ARTISTAS DA COMUNIDADE, COMO NOVAS FORMAS DE PRODUÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS COLETIVAS E A IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS QUE TÊM POR CARACTERÍSTICA AUTONOMIA CULTURAL E ADMINISTRATIVA (SOUSA DOS SANTOS, 2016, P. 28).

Só para citar como exemplos, temos em Foz o coletivo de artesanato Flores da Fronteira², que realiza desde oficinas a bazares alternativos, estabelecendo um diálogo com práticas ecológicas de alimentação, consumo e bioconstrução. Na música, temos o grupo Maracatu Alvorada Nova³, que realiza apresentações em diversos espaços públicos de Foz e opera como ponto de cultura. O grupo foi fundado pelo primeiro Afoxé da cidade, visando valorizar a Cultura Afro-Brasileira. Ainda em Foz, temos o Circuito de Música Popular Latino-Americana (CIMPLA)⁴, que promove shows e *workshops* de música instrumental na região.

No lado paraguaio, desde 2015, vem ocorrendo a *Fiesta de la Cultura em Ciudad del Este*, organizada por artistas e produtores culturais locais nas praças e parques da cidade, realizando um dia repleto de atrações e tendas com artesanatos e comidas. Com mais de uma edição, a festa trouxe, além da organização dos criadores e produtores culturais locais, outra perspectiva sobre a *Ciudad del Este*, mostrando-a para além do centro comercial. Isso porque ela ocorre em parques desconhecidos por moradores e turistas que chegam à zona fronteiriça. Essa festa amplia a visão e a apropriação sobre a cidade, além de promover a mobilidade entre produtores e consumidores de bens e serviços culturais na fronteira. Já em *Puerto Iguazú*, na Argentina, tem o *Festival Internacional de Cine de las Tres Fronteras*⁵, que traz, em sua curadoria e identidade visual, valores e referências missionárias e, em 2016, apresenta sua segunda edição.



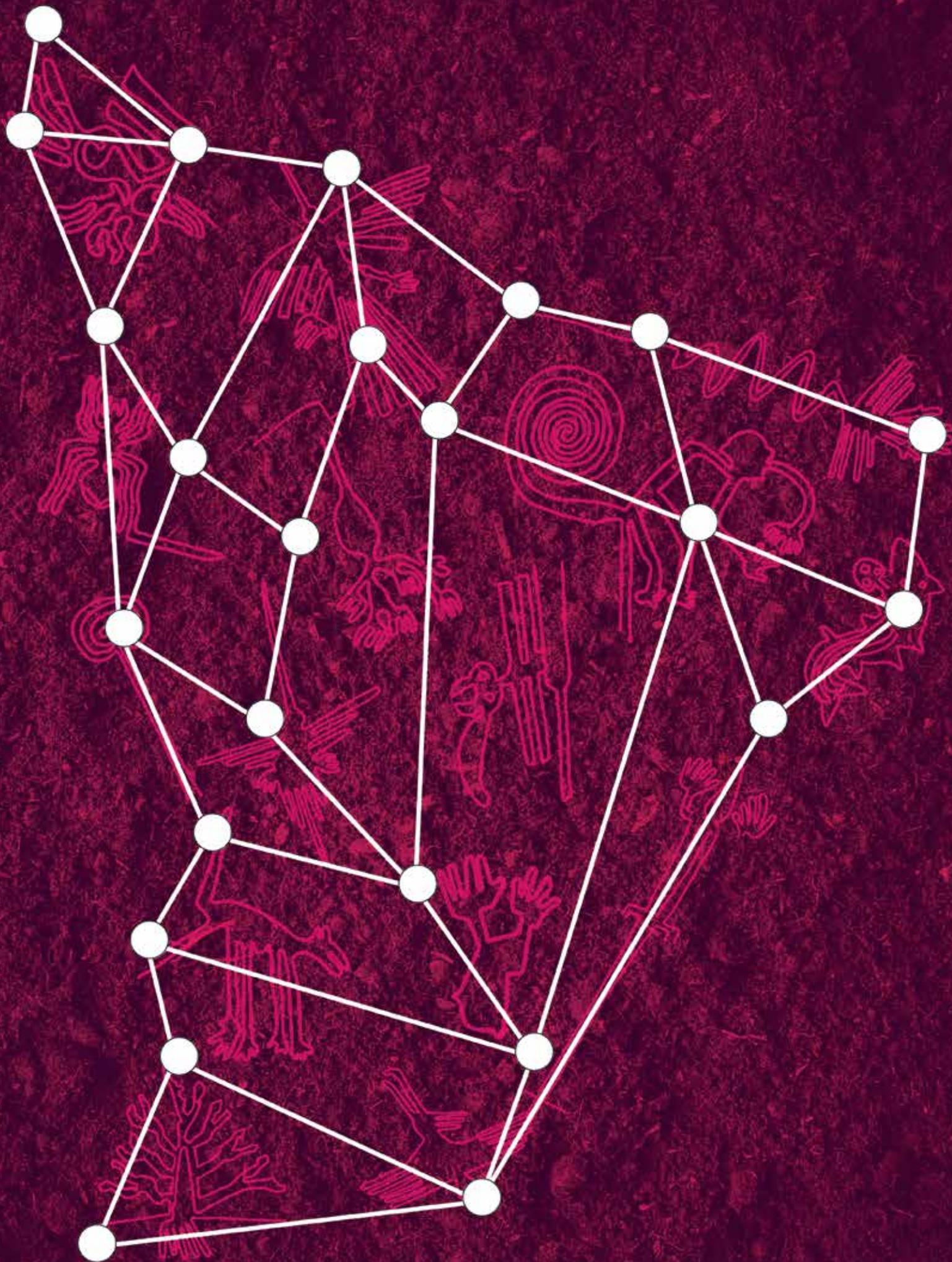
Muitos desses movimentos são organizações civis que se configuram para além das modalidades de participação social. Por instituírem práticas que intervêm no campo cultural, esses movimentos podem ser compreendidos como políticas culturais de base comunitária (SOUSA DOS SANTOS, 2016). O foco dessas mobilizações culturais tem ocorrido, em muito, pela apropriação dos espaços, estimulando a convivência e as trocas desse caldo cultural tão diverso, mas ainda tão segmentado em guetos culturais e sociais que é a região da fronteira trinacional. É visível que, nos últimos anos, há um *câmbio* no ar, nos corpos e nas praças das cidades gêmeas, o qual deve ser considerado como uma força potencial de integração entre as diferentes culturas e ser posto em diálogo com instituições e organismos privados e governamentais com interesse, iniciativa e responsabilidade na promoção da cultura fronteiriça e de circulação transnacional.

1. Relações Públicas da UNILA e Doutora em Comunicação
2. www.facebook.com/floresdafrenteira/?fref=ts
3. <http://migre.me/urOyl>
4. <http://migre.me/urPTU>
5. cinetresfronteras.com.ar

Referências Bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. En: *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008
- EAGLETON, Terry. *A ideia de Cultura*. São Paulo: Ed. Unesp 2005
- HALL, S. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- SOUSA DOS SANTOS, Emilena. Cultura e cidadania: políticas culturais de base comunitária. In: *Extraprensa: Cultura, Território e Novos Sujeitos Políticos*. USP: v. 9, n. 2 (2016)

Imagens: Marcos Labanca, Cine Tres Fronteras e Fran Rebelatto



por Chaska

LÍNEAS EN LA ARENA

En una tierra rodeada de dunas, de arena blanquísima que refleja el radiante sol donde el desierto se une con el mar en el litoral peruano, se encuentra un enigmático arte plasmado a través de líneas en la arena.

Se trata de los trazos realizados en las Pampas de Jumana, localizados entre las ciudades de Palpa y Nasca en la costa del Perú y a 450 km del sur de Lima. Estos diseños gigantescos de animales, personas y figuras geométricas, fueron realizados con suma precisión y detalle. Son alrededor de 10.000 líneas diseñadas sobre un enorme lienzo de arena de 350 km² de área.

En su mayoría representan líneas rectas de varios kilómetros de extensión, las cuales dan vida a diversas formas triangulares, rectangulares y trapezoidales. Entre las figuras zoomorfas, se encuentra la de la Araña, que mide aproximadamente 45 metros de largo. La figura de la Orca es de 30 metros, siguiendo la del Colibrí de 97 metros. Ya la figura del Mono mide 142 metros de largo y la del Lagarto es de 200 metros, por citar las más famosas. También existen figuras fitomorfas y, en menor medida, antropomorfas. De éstas últimas la más conocida es una figura llamada El Astronauta que mide 30 metros de longitud.

Se desconoce su fin, motivo por el cual muchas personas alrededor del mundo también creen que fueron hechas por seres extraterrestres. O tal vez por alguno capaz de volar, ya que para hacer estos trazos se necesitaría de una visión de pájaro para saber cómo direccionar el trazo. Sin embargo, el misterio fue develado gracias al trabajo de científicos nacionales e internacionales, entre los que se destaca María Reiche (1903-1998), arqueóloga germano-peruana más conocida como la dama del desierto. Gracias a su labor y la de otros estudiosos, actualmente se sabe que su origen evoca a una cultura milenaria del Antiguo Perú, la cultura Nasca. Los hombres y mujeres de esta cultura, desarrollada hace más de veintiún siglos atrás, realizaron dibujos con suma precisión. Así, demostraron que poseían capacidades especiales de pensamiento abstracto, lo que llevó a que estas personas desarrollaran conocimientos de aritmética, geometría y topografía, además de otras manifestaciones de representación artística.

EL MISTERIO QUE GUARDAN ESTAS LÍNEAS EN RELACIÓN A SU SIGNIFICADO, HA LLEVADO A INNUMERABLES TEORÍAS QUE VAN DESDE LOS COMENTARIOS MÁS FANTÁSTICOS HASTA LAS DE CARÁCTER CIENTÍFICO. ALGUNAS SON EL CALENDARIO ASTRONÓMICO, EL CUAL SEÑALA QUE LAS LÍNEAS TIENEN RELACIÓN CON LAS CONSTELACIONES. O QUE SON EPICENTROS DE ACTIVIDAD RITUALISTA, DONDE SE CONGREGABAN CULTURAS VECINAS DE LA CULTURA NASCA PARA ADORAR A LOS DIOSES. TAMBIÉN SE PIENSA QUE ESTAS LÍNEAS DIRECCIONAN A PUNTOS ESPECÍFICOS DE LA CAPA FREÁTICA DONDE EXISTE AGUA EN EL SUBSUELO O QUE FUERON HECHAS PARA CONDUCIR A LA PERSONA HACIA LA CIUDAD DE LOS NASCAS, LLAMADA CAHUACHI.

Otro detalle importante es que estas líneas hayan sobrevivido al paso del tiempo. Esto se debe al clima y terreno favorables de la región desértica, con pocas precipitaciones y vientos. Como se puede imaginar, la escala a la que fueron hechos estos diseños es extraordinariamente grande, lo que lleva a observarlas a partir de una determinada altura, ya sea sobrevolándolas o desde un mirador.

Si bien el fin de estas líneas es incierta, lo que se sabe es que continuarán atrayendo la curiosidad de muchas personas alrededor del mundo y que el legado de estas culturas antiguas perdurará siempre que se mantenga vivo el interés por explorar más acerca de nuestra enigmática América Latina.

Fontes:

<http://elcomercio.pe/vamos/peru/ica-cahuachi-piramides-desierto-noticia-1600978>

https://es.wikipedia.org/wiki/Cultura_nasca

http://www.edhistorica.com/pdfs/Lineas_de_Nasca.pdf

ilustração: Roger Dourado



o mundo contra uma planta MILENAR

por Renan Xavier

"Obtendrán amor para su dolor, alimento para su cuerpo y luz para su mente Y aun más... Observa el baile de esas hojas com el viento y obtendras respuestas para sus preguntas Pero si tu verdugo llegado del norte, el conquistador blanco, el buscador de oro, la tocara, solo encontrará en ella veneno para su cuerpo y locura para su mente"

Trecho da leyenda de la coca, de Antonio Dicz Villamã.

Milenar na América Latina e tradicional aos povos andinos, a planta de coca recebe ofensiva global devido ao potencial da mesma.

Fundamental à Coca-Cola (e outros refrescos) e à indústria médica (como anestésico), a planta, por dar origem à cocaína, no entanto, é um dos principais alvos da guerra contra as drogas promovida por Estados Unidos e Europa. E assim, Bolívia, sua cultura e população vêm sendo expostos, há anos, a uma campanha difamatória que procura estigmatizar todo o país e região andina, atingindo-os em um de seus pontos mais centrais.

A "hoja de coca" é a base cultural dos povos andinos, em especial Bolívia e Peru. É referência à religião e misticismo, com uso voltado à alimentação e à saúde da população, tanto contemporaneamente, quanto historicamente. Largamente encontrada no território andino, a coca é tão importante aos povos ancestrais que é vinculada a origem dos povos, a partir da deusa Mama Coca. O homem branco, entretanto, assim que teve contato com a folha já iniciou poderoso processo de negatização, disseminando estigmas e preconceitos. Utilizada nos mais diversos cultos andinos (do casamento à morte), a folha foi considerada diabólica para a Igreja Católica já em 1551.

A coca esteve vinculada a todo o processo pelo qual passou a região andina e segue como símbolo da resistência do povo. Em Potosí, por exemplo, ícone da ganância espanhola de onde foram retiradas toneladas de prata e cobre, a folha segue sendo consumida segundo as tradições de outrora. Como os mineiros ficam quase o dia inteiro sob a terra, o consumo de folhas ajuda a afastar a fome, dar energia e apaziguar o cansaço. Os mineiros retiram as ranhuras e enchem a boca de folhas, uma a uma, deixando-as descansando em um dos lados da boca. Pouco a pouco, elas se dissolvem.

Povos pré-incaicos e incaicos utilizavam a folha na cura de doenças e em cirurgias diversas, inclusive que envolviam a abertura de crânios. O uso como anestésico revolucionou a medicina moderna. Esta descoberta se dá nos anos de 1800, chamando a atenção dos grandes laboratórios globais para a substância. Identifica-se, também, a cocaína, substância tida como estimulante que passa a circular nas rodinhas da elite e entre os artistas, principalmente na França.



Angelo Mariani desenvolve, em 1863, certa efusão de coca, que será chamada de Vinho Mariani. Era comercializada devido ao efeito medicinal e recreativo. O Papa Leão XIII carregava um frasco consigo e chegou a premiar seu criador com uma medalha de ouro. Esta bebida irá originar a Coca Cola, alguns anos depois. O refresco contava com cocaína até 1902.



A folha de coca tem ínfimas porções de cocaína, mas mesmo assim vem sendo combatida pelo mundo como se fosse a responsável pela tão intensa drogadição norte-americana. Como se a milenar folha fosse a responsável pelo escapismo e vício de parte da população (se fosse assim, o consumo na Bolívia seria elevado, e não é), e pela violência causada em torno de sua comercialização. Inclusive, já foram determinados embargos ao país devido à produção.



A comercialização da folha também precisa ser analisada. Presume-se que grandes empresas, inclusive as farmacêuticas, produzem a cocaína (ou a base) a partir da coca. O consumo não se dá nos Andes, mas a violência e o estigma ficam aqui. O produto é consumido nos maiores e mais ricos centros urbanos do mundo, onde fica também o lucro. Como se o problema fosse a produção da coca e não os poderosos comerciantes.



Bem, esta história toda é contada no Museo da Coca, em La Paz, Bolívia. Um pequeno, mas excelente local, para se compreender o vínculo intrínseco entre a coca andina e o perverso mundo globalizado. Uma cultura milenar que é apropriada pela selvageria capitalista mundial, autodestrutiva.

*Chefe do Departamento de Comunicação do Instituto Social do MERCOSUL

Um
ES
PÃO
para ser bilingue

Não
precisa
de uma
população
capaz
de falar

Y
escribir
perfectamente
en Dos
Lenguas

O BILINGUISMO
implica no
respeito à
diversidade
linguística e cultural

Cada
parte debe
tener el derecho
de usar su propia
LENGUA

Y ser
comprendida

mais do que
dominar,
deve-se
compartilhar
os
idiomas

dándoles espacio a la
Comprensión

¡Aprendamos
a convivir
con las
diferencias!

<https://unila.edu.br/campanhas/diversidade-linguistica>

Linguística

UNILA
≠ pela ≠
DIVERSIDADE

por *Jaqueline Azevedo*

Estudante de Economia,
Integração e desenvolvimento

A UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA), LOCALIZADA EM FOZ DO IGUAÇU, NA TRÍPLICE FRONTEIRA ENTRE ARGENTINA, PARAGUAI E BRASIL, TEM COMO VOCAÇÃO A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA, COMO AFIRMA SEUS DOCUMENTOS FUNDACIONAIS. ASSIM, A UNILA TEM COMO MISSÃO CONTRIBUIR PARA A INTEGRAÇÃO SOLIDÁRIA E PARA A CONSTRUÇÃO DE SOCIEDADES MAIS JUSTAS NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE, POR MEIO DA EXTENSÃO E DA PESQUISA, CONTANDO COM ALUNOS DE DIVERSOS PAÍSES LATINO-AMERICANOS.

Um dos eixos centrais da Universidade é o bilinguismo. O português e o espanhol são línguas oficiais, mas há também os idiomas trazidos pelos estudantes de seus países de origem, como o guarani (Paraguai), o aimará e o quéchua (Bolívia e Peru), o chaná (Uruguai) e, atualmente, o francês e o crioulo haitiano (Haiti). Embora seja notório que, para a linguagem acadêmica, tenham sido adotadas as línguas dos colonizadores, ou seja, as línguas “impostas”, o espanhol e o português, nos corredores da universidade e na fala principalmente dos estudantes ecoam uma variedade de idiomas.

Quando se pensa na construção de uma universidade com grande diversidade, é necessário discutir o poder da língua, gerando uma série de reflexões e questionamentos, uma vez que todas as relações humanas são linguisticamente mediadas. Além disso, quando uma pessoa comunica-se, quando se expressa por meio de uma língua, ela também está marcando uma identidade e uma posição política. Em outras palavras, a língua é um elemento crucial sobre o qual toda a relação social estrutura-se e determina-se. Sendo assim, nenhuma linguagem é isenta de valores; e é por ela, também, que os preconceitos subsistem. A língua é um dos pilares para a construção de uma comunidade e/ou de um Estado-Nação. Ela forma tanto identidades homogêneas dentro de um território, como também pode ser um instrumento de resistência às identidades dominantes, quando, por meio da fala, abre espaço para a diversidade.

A homogeneização linguística discrimina, rejeita e apaga a cultura de um povo, bem como a sua história. Principalmente porque muitos dos nossos povos originários utilizavam narrações, era por meio da oralidade que passavam sua visão de mundo, seus ensinamentos e suas lendas. Diferentemente da imposição da escrita, tão valorizada pelo mundo acadêmico, com regras gramaticais e padrões de uma linguagem elitizada à qual poucos têm acesso. Dessa forma, considerando que o espanhol e o português foram impostos pelos colonizadores em detrimento da oralidade dos povos nativos, consolidou-se a história contada pelos invasores, firmaram-se “Os Lusíadas”, ficando os portugueses e os espanhóis nos papéis de “os descobridores”, “os conquistadores”, “os lusitanos - povo de luz”.

Enquanto nós, os latino-americanos, em nossa fala somos os *crioulos*², somos uma mistura, somos a apropriação que funde as nossas oralidades e incorpora as línguas dominantes. Diversificando também a fala e sua estrutura hegemônica, pela resistência que suspira nas marcas regionais do português e do espanhol e contradiz as culturas impostas pela colonização e pela globalização.

Assim, a linguagem pode ser um elemento de discriminação, mas também de resistência. Visto que formas de preconceito nascem ou recriam-se pela linguagem, que, por sua vez, configura-se como uma forma de perpetuar discursos discriminatórios. Mas que também os contradiz na subjetividade da fala em sua diversidade. A linguagem mostra que racismos, sexismos e xenofobias vinculam-se como formas de exclusão diante do que foi imposto e considerado padrão. Esses discursos discriminatórios amparam-se a uma visão generalista e distorcida do “outro”. Tal visão antecipa-se a rotular e silenciar a voz do “outro”.

Vejamos alguns depoimentos sobre a diversidade linguística na UNILA:



“Pienso que una integración latinoamericana es difícil por los fuertes nacionalismos. América Latina tiene una historia muy fuerte y parecida entre las naciones, con muchas dificultades por causa de la propia historia, las diferentes lenguas y por ser considerada la periferia del mundo. Brasil es muy importante para la integración, aunque no hablan español. Pero la integración cultural de la región es muy diversa y muy rica. Y la integración lingüística me parece que, en casos de fronteras, se da muy bien, pero en otros casos se hace más complicado.” Vittoria Vaucher Paulo (Uruguai), estudante de Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento.

“Eu acho importante a UNILA ter caráter bilíngue, e acho ainda mais importante ter quéchua e guarani. O fato é que a integração na UNILA depende de cada um. As pessoas de modo geral não dão importância a diversidade linguística, assim como no dia a dia as pessoas não dão importância à integração com los hermanos. Então, eu entendo as coisas em um plano para além da institucionalização, tanto a integração, assim como o bilinguismo é a gente quem faz, nós devemos nos jogar no aprendizado de outras línguas, principalmente as indígenas. Devemos chamar atenção para a ideia de que algumas línguas são silenciadas.” Ediane Hirle (Brasil), estudante de Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

“Na UNILA os idiomas oficiais não englobam o francês. Isso tem a ver com a proposta inicial da Universidade, que era incentivar a prática do espanhol e o português. Embora hoje já existam algumas propostas institucionais de ensino do francês, ainda são os professores que têm um papel fundamental. Porque deve partir deles incentivar e fortalecer esse projeto e também reciclar o sentido de aprender outros idiomas, a medida que a integração engloba diferentes culturas.” Demen Toussaint (Haiti), estudante de Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento.

1. Obra poética do escritor Luís Vaz de Camões;
2. Crioulo era, originalmente, o filho do europeu com africanos e indígenas nascido na América.



A cultura do estupro e o patriarcado violador: nosso corpo versus vossas instituições

*por Ellen Scheneider, Cynthia Jazmin
e Luna Montalbetti*

Artigo escrito por Ellen Schneider, doutora em Sociologia e professora de Ciência Política e Sociologia, da UNILA; e Cynthia Jazmin Luna Montalbetti, graduanda de Ciência Política e Sociologia, da UNILA.

A expressão “cultura do estupro” remete-nos a um conjunto de valores e normas que possibilitam que a violência de gênero[2] seja naturalizada no cotidiano das relações sociais e de instituições pelas quais circulamos no decorrer de nossas vidas, tais como a escola, a universidade, a igreja, a família e o estado.

É importante ressaltar que o estupro – assim entendido como uma violência sexual – perpetua-se geralmente contra as mulheres. Faz parte de uma cadeia de abusos que se manifestam – de acordo com a visão de muitas pessoas – de forma inofensiva, como o assédio nas ruas, olhares, comentários que são compreendidos como “cantadas” ou “elogios” e ainda as “encoxadas” no transporte público. Dessa forma, a chamada “cultura do estupro” baseia-se em uma desigualdade social imperante entre os homens e as mulheres, pois elas – as mulheres – são vistas como secundárias e inferiores, como propriedade e objeto de desejo dos homens e seus olhares, o que possibilita, sustenta e banaliza os mais variados tipos de abuso.

As mulheres são predestinadas a sofrerem tais atos de violência, pois esses comportamentos são naturalizados e reduzidos a condutas sem importância por parte de quem os executa. Dessa forma, naturaliza-se a violência, primeiramente, através de ações menores contra as mulheres, que podem, posteriormente, manifestar-se de formas mais severas. Uma delas é o estupro e o feminicídio. Podemos entender que todas essas formas naturalizadas de violência são derivadas da mesma raiz: as relações políticas, econômicas e sociais, mediadas pela cultura patriarcal.

Quando falamos de patriarcado, estamos retratando-nos historicamente a uma palavra derivada do grego (*pater*), que se refere a um território ou jurisdição governada por um patriarca. É, também, do qual deriva o termo pátria. Com a invenção da técnica de agricultura e devido ao surgimento do costume do cercamento de terras, adotado pelos vitoriosos em guerras, os homens passaram a exigir fidelidade sexual das mulheres, pois já não se aceitava deixar seus bens e sua herança a quem não fosse filho legítimo do patriarca[3]. Mulheres e crianças passaram a integrar-se a um sistema econômico movido e mantido pelas relações em torno da propriedade privada, no qual o adultério, por parte das mulheres, era considerado um crime capital.

Atualmente, o patriarcado é um sistema econômico mantido por crenças, instituições e valores que têm base material, através da divisão sexual do trabalho[4] e da divisão cultural, meio da construção dos corpos e identidades. Dessa forma, o patriarcado configura-se como um sistema de hábitos que estrutura o nosso agir diante das relações sociais e políticas em uma sociedade que privilegia o homem e incentiva a manutenção de um sistema ao qual estamos submetidas e no qual a educação produz o modo para tornar-se um ser socialmente feminino. Assim, transforma-se em um discurso que molda a maneira como as mulheres devem pensar, comportar-se e apresentar-se, para a manutenção e preservação de mecanismos sociais de hierarquização dos gêneros. A divisão sexual do trabalho hierarquiza trabalhos que valem mais (homens) e trabalhos que valem menos (mulheres)[5], constituindo a identidade das mulheres como sujeitos não políticos, visto que, mesmo que circulem com mais frequência nas esferas públicas, elas ainda teriam propensão a serem indivíduos mais domésticos, reprodutivos e emocionais. A cultura patriarcal, ainda presente nas nossas sociedades ocidentais, forja, em função dos homens, sujeitos e identidades femininas de segunda categoria no espaço público[6] e corpos que pouco importam[7].

Nesse contexto histórico, a relação sexual de dominação pertence ao privado[8]. As mulheres são socializadas para cuidarem-se, recolherem-se, evitam o espaço público em determinados horários. A distinção entre o domínio público e o domínio privado é estruturante do pensamento político desde a Antiguidade. Mesmo que os contornos entre privado e público variassem de acordo com as épocas, é possível constatar que “[...] o governo é sempre da competência do público, enquanto o doméstico faz inevitavelmente parte do privado” (LAMOUREUX, 2009: 209)[9]. Essa produção de fronteiras e diferenças, relativamente perene, incide na noção moderna[10] de cidadania, de direitos e, evidentemente, nas práticas e concepções de justiça, participação política e das identidades de categorias profissionais que estão ligadas às tarefas de manutenção das necessidades cotidianas, como o trabalho doméstico, a relação sexual, o cuidado, a produção de alimentos, entre outras.

Desde a distinção entre a *polis* (domínio doméstico, familiar) e da *polis* (a cidade, as instâncias políticas), fruto do pensamento grego e notadamente de Aristóteles, que data de cerca de quatrocentos anos antes da Era Cristã (400 a.C.), a distinção entre as esferas privada e pública reproduziu-se em diferentes sociedades, afirmadas por diversas normas e leis. Não problematizar a realidade política das relações familiares e das relações que envolvem as esferas de socialização do cotidiano, da antiguidade e atualidade, tem levado as teorias do passado e do presente a reafirmarem a dicotomia entre público e privado, sem, no entanto, levar em conta a sua natureza



patriarcal. Isso colabora para a atribuição não política em relação ao consentimento das mulheres na relação sexual e sua culpabilização por ocupar o espaço político e público.

Assim, queremos argumentar que o estupro é cultural, pois é histórico. No ato da colonização da América Latina, há cerca de 522 anos, com a invasão das terras no continente, forjaram-se, nesse espaço, corpos, raças e etnias que não importam. Mulheres nativas foram arbitrariamente submetidas ao trabalho doméstico forçado e à exploração sexual.

No entanto, as mulheres feministas ao redor do mundo, por volta dos anos 1960, alegaram que “o pessoal era político”, denunciando a tirania do doméstico[11], reivindicando a descriminalização do aborto, o direito à anticoncepção e a libertação de seus corpos em relação ao uso apenas reprodutivo. Ao fazê-lo, demonstravam que o elemento biológico do gerar e a liberdade dos seus corpos estavam submetidos a um sistema de dominação econômico-cultural. O inimigo principal, assim, não eram os homens, mas sim as estruturas patriarcais que perpassavam os símbolos e as estruturas da cultura[12], e que permitiam que os atos de violência contra as mulheres passassem impunes pelas instituições políticas da justiça.

O estupro é, portanto, uma violência patriarcal naturalizada na cultura, na história, na economia e nas identidades políticas dos sujeitos. O patriarcado estupra todos os dias, em todas as regiões da América Latina[13], já que as instituições que defendem a propriedade privada, os direitos individuais e os costumes são as mesmas que reproduzem o machismo, a culpabilização da vítima, a relação sexual sem consentimento e que tornam, em alguns países da América Latina, o estupro como arma de guerra. Alimentam-se, assim, instituições e políticas públicas vinculadas a um “Estado proxeneta”[14], conceito utilizado pelas feministas comunitárias e autônomas para demonstrar o caráter masculino e patriarcal do Estado. É proxeneta, na medida em que prostitui as mulheres a cozinhar, satisfazer sexualmente, cuidar, reproduzir e calar. Portanto, para não estuprar as mulheres, suas filhas e filhos, suas irmãs e amigas, é preciso começar a despatriarcalizar!





[2] Saffioti (2001), em “Contribuições Feministas para a Compreensão da Violência de Gênero”, define a expressão “violência de gênero” como mais abrangente do que o de “violência contra as mulheres”, visto que envolve violências cometidas contra crianças e adolescentes, independentemente do sexo. Violência esta cometida como fruto da dominação patriarcal erotizada.

[3] ENGELS, Friederich. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Ed. 9. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

[4] HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. In: Cadernos Pagu. N. 17-18, p. 139-156, 2º sem., 2001.

[5] KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. HIRATA, Helena [et.al.] (Orgs.). Dicionário crítico do Feminismo. São Paulo: UNESP, 2009.

[6] FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. In: Estudos Feministas. v.15 n. 2, p. 291-308, maio-agosto, Florianópolis, 2007.

[7] BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo" In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110- 127.

[8] SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Record, 2014.

[9] LAMOUREUX, Diane. Público/privado. In: HIRATA, Helena [et.al.] (Orgs.). Dicionário crítico do Feminismo. São Paulo: UNESP, 2009.

[10] Especialmente para os teóricos do Contrato Social, tais como John Locke e Jean-Jaques Rousseau. Mas, também, na filosofia da história, com Georg W. F. Hegel.

[11] VARIKAS, Eleni. “O Pessoal é Político”: Desventuras de uma Promessa Subversiva. In: Tempo. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, pg. 59-80, 1996.

[12] DELPHY, Christine. L’ennemi principal: économie politique du patriarcat. Paris: Édition Syllepse, 1998.

[13] Peru, por exemplo, ocupa o primeiro lugar em número de violações/estupros na América Latina e o terceiro no mundo. Os países com mais violações ao redor do mundo são Etiópia, Bangladesh e Peru. Fonte: <<http://peru21.pe/actualidad/peru-ocupa-tercer-lugar-casos-violacion-sexual-mundo-220093>>. Acesso em 11 jun. 2016.

[14] GALINDO, María. No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización. Bolívia: Mujeres Creando, 2010.

Ilustrações: Amoreir4 - <http://amoreir4.tumblr.com/>



luta
morte
bi

história
Quilombo
negra.
liberdade
cia, mulher
luta Re
Dos

mulher





A Peabiru é um projeto de extensão que consta principalmente na elaboração de uma revista multimídia e colaborativa sobre cultura latino-americana para fazer circular a diversidade de vozes existentes na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e na região de fronteira onde está inserida. A proposta é ser um espaço de comunicação contemplado pela apropriação de diferentes dialogias, estruturado a partir de conteúdos diversos e produzidos sob a perspectiva cultural. Perspectiva sobre a qual compreendemos como um campo de lutas e reivindicações das gentes índios, negros, mulheres, trans, crianças, camponeses, gentes de todas cores, gêneros, tão fortes e singulares; na esperança por libertar os corpos, os lugares e as mentes, tudo isso cultivando um eixo integracionista e latino-americano, tão urgente e atual. Pensando nessas vertentes e a necessidade de evidenciar

identidades múltiplas da América Latina, sendo estas entrelaçadas ou adversas, que desenvolvemos um projeto de mídia, construído pela comunidade geral e acadêmica. Mediação essa que ocorre por meio de uma linguagem acessível ao público, que mistura fotos, textos e ilustrações, e diferentes formatos de divulgação, como o ambiente online, o cordel e o impresso. A Revista significa toda essa multiplicidade e atua a partir dos princípios da colaboratividade, da criação em rede e da diversidade temática, constituindo-se na interface entre a comunicação e a cultura. O projeto está em seu quinto ano de execução e é desenvolvido por docentes, técnico-administrativos da área de Comunicação Social, e acadêmicos, bolsistas e voluntários, de diferentes áreas da UNILA, sendo referência de mídia alternativa vinculado ao dia a dia da instituição.

UNILA

www.unila.edu.br

UNA UNIVERSIDAD PARA AMÉRICA LATINA

La Universidad Federal de Integración Latinoamericana - UNILA - es una universidad brasileña, pública y gratuita, con carácter internacional. Su diferencial es la mirada hacia las grandes cuestiones latinoamericanas.

Su misión es contribuir a la integración latinoamericana a través del conocimiento compartido y la cooperación solidaria.

El carácter internacional de UNILA se configura por el hecho de que mitad de sus estudiantes sean brasileños y la otra mitad sean provenientes de otros países de América Latina y el Caribe.

UN CONCEPTO INNOVADOR - La UNILA está estructurada como una organización innovadora, con una concepción abierta a los avances científicos, humanísticos, sociales y culturales pasados, actuales y futuros.

BILINGÜISMO - La Universidad adopta el portugués y el español como sus principales lenguas, haciendo del bilingüismo una importante herramienta para la integración cultural e intelectual.

MULTICULTURALIDAD - La multiculturalidad es resultante de la convivencia y el intercambio de experiencias entre estudiantes provenientes de diferentes países latinoamericanos.

INTERDISCIPLINARIEDAD - Con el objetivo de crear un modelo de universidad que respete la riqueza y la diversidad de América Latina, la interactividad entre las áreas del conocimiento está presente en todas las carreras de UNILA y también en las actividades de investigación y extensión.

UBICACIÓN - La UNILA está ubicada en la ciudad de Foz do Iguaçu, localizada en el extremo oeste del Estado de Paraná, en la Región Trinacional formada por Argentina, Brasil y Paraguay. La ubicación de una universidad dedicada a la temática de la integración asume importancia estratégica y simbólica en la región.

Conocimiento más allá de las fronteras

EXTENSÃO

www.unila.edu.br/proex

Vinculada ao processo de formação de pessoas (ensino) e de geração de conhecimento (pesquisa), a Extensão da UNILA atua por meio de programas, projetos e ações, com a participação efetiva da comunidade, fazendo do espaço universitário não somente um centro de formação profissional, mas também uma instituição que tenha a responsabilidade de garantir acesso à cidadania, gerando inovação tecnológica e científica.

A Pró-Reitoria de Extensão da UNILA atua na construção de um modelo em que cada vez mais membros da comunidade interna e externa designem quais os caminhos a serem seguidos pela extensão unileira. Isso pode ser construído com ciclos de debates, audiências públicas, seminários, além de outras ferramentas possíveis de envolvimento e empoderamento popular.

Ao longo do ano letivo, com o envolvimento de docentes, servidores técnicos e estudantes extensionistas, são desenvolvidas, por meio de editais, diversas ações de extensão. São ativi-

dades organizadas entre projetos, cursos e eventos distribuídos em oito grandes áreas de conhecimento. Além disso, com a vigência do programa Mais Cultura, promovido pelo Ministério da Cultura, no qual está inserido o recentemente criado Plano de Cultura da UNILA, contamos com mais uma variedade de ações de extensão contempladas no campo cultural.

Grafiti a Dandara dos Palmares no Dia da Consciência Negra por acreditar que esta é uma forma de dar visibilidade a esta mulher negra, escrava e guerreira, que lutou por liberdade no período colonial do Brasil e é pouco lembrada pela História. "A Arte do Grafiti, por ter sua exposição na rua, impõe a provocação no olhar de quem passa. E esta foi a minha ideia quando fiz o grafiti. Tem uma música que eu gosto muito do Rappa e Rapadura que diz: 'Não deixe que suas matrizes e suas raízes morram por falta de irrigação! Temos o compromisso de manter a história viva'".

ISAAC SOUZA DE JESUS.



Sandra Zanin

DAS TERRAS SEM AOS MALES SEM TERRAS

por Renan Pinna

Desde sempre os guarani são conhecidos por habitar todo o litoral da Mata Atlântica, com registros desde o estado do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, incluindo, ainda, o Mato Grosso do Sul, além de países como Argentina, Paraguai e Bolívia.

Os guarani são o povo indígena mais numeroso do Brasil – eram 58 mil pessoas em 2012, segundo dados do Ministério da Saúde. Ainda assim, os guarani possuem poucas terras demarcadas e, muito menos, terras homologadas.

O território guarani no oeste do Paraná começou a ser ocupado por não índios a partir de 1902, quando a Cia. Mate Laranjeira começou a explorar a região para retirar madeira da vegetação nativa e realizar produção de erva-mate, usando, para isso, trabalho forçado dos indígenas. Anos depois, na década de 1920, posseiros expandiram a ocupação para o oeste do Paraná.

O governo do estado passou, na década seguinte, a conceder para empresas as terras consideradas devolutas na região. Durante anos, os guarani foram obrigados, com o uso da violência, a saírem de suas terras. Nos anos 40, aconteceu um massacre na antiga *Tekoha Guarani*, local que hoje é o Parque Nacional do Iguaçu. Sobre esse episódio, Dona Narcisa, senhora guarani que viveu em *Oco'y* até a sua morte, nos contou que: “Eu e minha família as-

sistimos escondidos. Eu vi, eu vi, mataram tudo! Abriam a barriga com facão e jogavam depois nas Cataratas (do Iguazu)”¹. Nas repressões do Regime Civil Militar de 1964-1986, era comum o uso de caminhonetes fretadas por militares, para levarem vários guarani ao Paraguai, ameaçando-os de morte, caso quisessem voltar.

Mas foi em 1982, na região fronteira entre Paraguai, Brasil e Argentina, quando começou a funcionar a Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, do qual resultou no alagamento do Rio Paraná, que aconteceu o esbulho de dezenas de aldeias guaranis. Segundo o projeto original, a construção da Usina alagou cerca de 80 mil hectares somente do lado brasileiro. A paisagem que compunha a época integrava, além das *Cataratas do Yguasú*, as Sete Quedas - maior cachoeira do mundo em volume de água - e uma extensa área verde, com muitas espécies nativas e matérias-primas usadas para confecção de casas, artesanatos, armas para caça e alimentação. Um território concebido pelo povo guarani como *Yvy Mara e'ỹ*, a “*Terra Sem Males*”.

Reserva Oco'y

Por conta do alagamento, os guarani foram morar na Reserva *Oco'y*², em São Miguel do Iguazu. Com 251 hectares e inserida em parte de um dos ramais do lago de Itaipu, somente de 48 de 251 hectares da reserva estão disponíveis para o plantio das 165 famílias que vivem lá. A situação *Oco'y* é de pouca terra para plantar e para se povoar, tanto é, que no último ano aumentou o número de famílias que saíram do lugar para buscar em outras terras um espaço que seja suficiente para todos e que tenha as condições essenciais para o modo de vida guarani.

Aldeias Yvy Mara e'ỹ

Muitas são as aldeias que, atualmente, sobrevivem no impasse pela demarcação de suas terras. Em lugares como os municípios de Guaíra e Terra Roxa, que também foram afetados pelo alagamento do Rio Paraná, os guaranis precisam enfrentar, cotidianamente, variados tipos de preconceitos e constantes ataques de violências proferidas por parte da sociedade civil e de fazendeiros locais. É nessa fronteira com outros dois países, que a

memória guarani se tece em sua cultura, assim como em seus artesanatos, tudo com muita paciência, força e luta. Os guarani contam com a ajuda dos espíritos e de *Nhanderú* (*deus*), para, assim, continuar a viver à sua maneira, esperando a demarcação de seu território para quem sabe, um dia, voltar a viver em uma *terra sem males*.

1. Histórias e dados coletados pela geógrafa Malu Brant, na região da fronteira trinacional, presentes em sua tese de doutorado “Das terras dos índios a índios sem terras – O Estado e os Guarani do Oco'y: violência, silêncio e luta”. Tradução realizada pelo etnólogo Curt Nimuendajú.

2. Foi a primeira reserva delimitada em 1982, pela Funai.

Fotos: João Pedro de Melo Porto



A Ilha do Brasil

Um ensaio sobre a latinidade brasileira

A construção da ideia de América Latina trata de um processo que se estende por três séculos e que grava marcas em diferentes épocas e em diferentes esferas, promovendo, assim, certa identidade nos povos que compõem essa parte do continente americano. Esse processo instigou debates no âmbito cultural, linguístico, político, social – assim como em outros níveis –, e continua em vigor e em transição, e não poderia ser, de forma alguma, diferente.

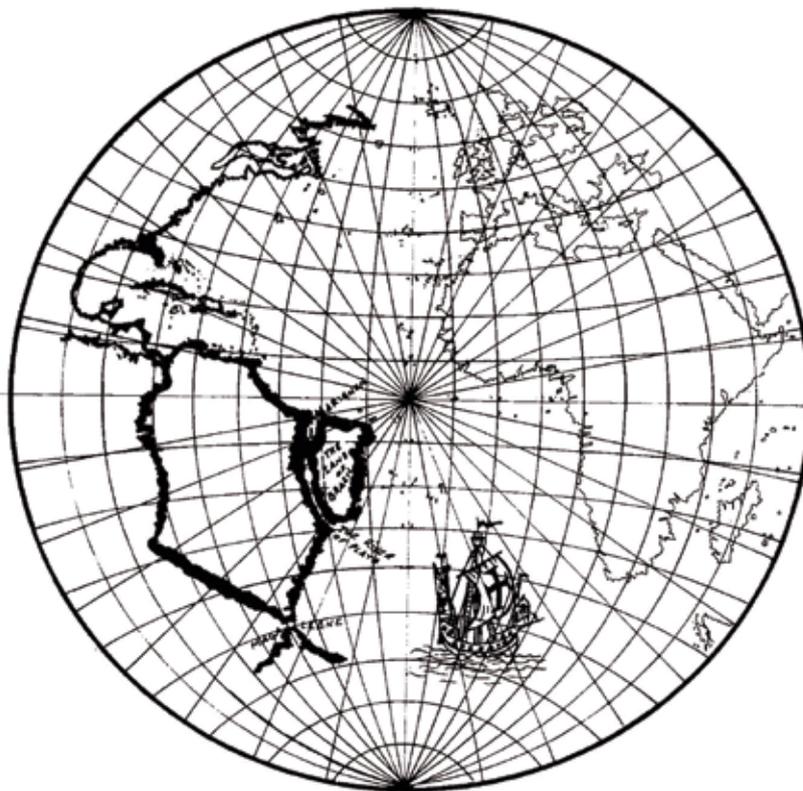
O famoso cartógrafo alemão, Martín Waldseemüller, designou como América, no seu mapa² de 1507, o território até então identificado como o Novo Mundo, e não se imaginava que os Estados Unidos do norte da América iriam arrebatá-lo o nome América para si, no século XIX. O constructo de América Espanhola ou “Hispanoamérica” vem com força na primeira metade do século XIX, e essa nova denominação se deu devido à tentativa abrupta de união das ex-colônias originárias da coroa espanhola no continente americano. A América Hispânica surgiu como uma tentativa de reforçar a identidade das ex-colônias espanholas perante o medo da imperialista e expansionista América do Norte, que reclamou o nome América para si no começo do século XIX. Vale lembrar que os Estados Unidos ficaram visivelmente mais imperialistas depois de 1823, com a doutrina Monroe de “América para os americanos” – leia-se norte-americanos. A América Hispânica começa a ser substituída pela América Latina no início da segunda metade do século XIX. De acordo com Arturo Ardao, o poema feito por José María Torres Caicedo – jornalista, crítico e poeta colombiano –, intitulado “*Las dos Américas*”, é o registro gráfico mais antigo do uso da expressão “América Latina”. Escrito em 1856, quando Torres Caicedo residia em Paris, o longo poema foi

publicado em “*El Correo de Ultramar*”, em fevereiro de 1857, e diz (trecho):

De acordo com Sampaio Goes, no livro “*Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas*”, de 1991, existia uma ideia de “Ilha do Brasil” no começo de seu descobrimento. Tanto que em muitos mapas, antigos cartógrafos e geógrafos desenhavam o território brasileiro com um apêndice, uma ilha, e não como parte integral do Novo Mundo, como, por exemplo, no mapa-múndi³ do inglês John Rotz, de 1542. Invoco essa lembrança porque, a olhos nus, o Brasil é mesmo um arquipélago próximo à ideia de América Latina, pois essa veio para substituir aquilo que se conhecia como América Hispânica, termo esse que não englobava o Brasil. O gigante lusófono demorou um pouco para fixar sua latinidade.

**“LA RAZA DE LA AMÉRICA LATINA
AL FRENTE TIENE LA SAJONA RASA,
ENEMIGA MORTAL QUE YA AMENAZA
SU LIBERTAD DESTRUIR Y SU PENDÓN.”**

No meu trabalho “*De América Hispânica à Latina: O Brasil como parte da ideia de América Latina*” (disponível na biblioteca digital da UFPEL), desenvolvo mais detalhadamente os três eixos de pertencimento do Brasil Latino, que são: 1) quando o norte global começou a ver o Brasil como parte da ideia de América Latina; 2) quando os intelectuais da América Hispânica, agora Latina, começaram a aceitar o Brasil como irmão latino-americano; 3) quando o próprio Brasil começou a se posicionar como latino-americano. É demasiadamente complexo delimitar o percurso da latinidade brasileira afirmando um acontecimento ou fato histórico, pois são evidências que envolvem mais de uma esfera de pesquisa. Todavia, é notório que, no período que compreende o final da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, existe uma aproximação maior do Brasil com a sua faceta latina. Datam desse período animações da Disney (financiadas pelo *Office of the Coor-*



A "Ilha Brasil" no mapa-mundi inglês de John Roliz (1542).

dinator of Inter-American Affairs) que promoveram a política da boa vizinhança, que já incluíam o Brasil na ideia de América Latina.

O personagem Zé Carioca é um brasileiro que aparece em *"Saludos Amigos"* (1942) e em *"The Three Caballeros"* (1944) e, no começo do primeiro filme, o narrador anuncia a plenos pulmões que os passageiros vão dar uma volta pela América Latina, e um dos destinos é o Brasil.

O Brasil Latino era também representado em expressões intelectuais, como na obra *"A América Invertida"*, de Torres García (1943). No discurso de *"nuestro norte es el sur"*, o Brasil é representado na obra do célebre uruguaio. No livro *"Las venas abiertas de América Latina"* (1971), do consagrado escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano, vem à tona uma reflexão a respeito do passado violento que a América Latina sofreu em função do colonialismo e, mais tarde, em decorrência da exploração norte-americana. Durante essas descrições, o Brasil é agrupado aos demais países latino-americanos.

A latinidade começou a emanar também do próprio Brasil, e não estacionou apenas nos escritores. Envoltos pela euforia da Tropicália, *"Soy loco por ti América"* - primeira música gravada em "portunhol" - é lançada por Caetano Veloso. Na sequência, muitos outros músicos brasileiros e outros intelectuais vieram a legitimar a latinidade brasileira. As relações político-diplomáticas do Brasil no âmbito latino-americano eram poucas antes da criação do Mercosul, mas o Brasil percorreu um longo caminho de criatura exógena à ideia de América Latina até o posto que ocupa hoje, como uma das principais potências da região.

Talvez a "Ilha do Brasil" tenha mesmo tornado os contornos da identidade brasileira diferentes dos contextos que formaram e unificaram a América Hispânica, contudo, já tem um tempo que se pode ver o Brasil Latino claramente. A América Latina é uma ideia construída que ainda sofre ressignificações, a latinidade brasileira também o é.



por Juliana Adylin

Com quantas vidas justapostas, tecidas, conjugua-se uma história? Quais são as cores, remendos e texturas compreendidos no confeccionar dos dias? Qual o lugar, nessas linhas tênues, entre o rústico e o delicado, o frágil e o eterno?

Formamos teias...

O *Ñanduti* – compreendido como teia, em guarani – é um tradicional artesanato paraguaio produzido a partir do encontro de muitas linhas, que, por meio de mãos inquietas, majoritariamente de mulheres, formam arranjos florais e geométricos que comunicam mitos de sua origem ligados a amores e à natureza.

Cada nó coloca-se como presságio de nova narrativa, ora expandindo, ora retraindo, sempre emaranhando-nos em outros, movendo-nos a cantos distintos e, como é de se imaginar, produzindo os mais híbridos, assombrosos e belos desenhos.

Tantas narrativas em tecido desabrocham: um dos mitos mais conhecidos popularmente conta que, para regalar uma jovem, um índio apaixonado tenta agarrar uma bela teia, que havia sido tecida entre galhos nas árvores pela *ñandu* – a aranha. Dado seu fracasso em apoderar-se de algo tão belo e frágil, a mãe do índio o ajuda, retirando os próprios fios de cabelo branco e, orientada pela *ñandu*, tece

suas próprias tramas. Então, a anciã cria para seu filho um gracioso e resistente *Ñanduti*, diferente da efêmera e frágil tecitura da aranha, exposta na moldura das árvores.

Há muitos anos, essa lenda inspira a produção deste artesanato paraguaio, bordado por muitas mulheres que, desde a infância, criam, com uma diversidade de pontos, esta renda multicolorida. A produção acontece principalmente na cidade de Itauguá, também famosa pelo *Festival do Ñanduti*, realizado desde os anos 1970 para difundir e dar visibilidade a este artesanato, considerado um dos patrimônios de *la artesanía y del folklore* do Paraguai.

Feito tal como flores caleidoscópicas, nascidas de olhos atentos e pacientes. De encaixes e enlazes de fios manipulados delicadamente que podem contar-nos metáforas do encontro, dos nós, das redes, das teias, das bordas. Remendos e das tantas vidas caseadas e soltas destes pontos até o porvir.

Assim como as mulheres inspiradas na *ñandu*, vamos ziguezagueando, circulando e cosendo no vasto tecido que está posto. Fabricamos motivos sob os dias, produzimos a nós mesmos. Somos, enfim, os protagonistas da agulha. Como as rendeiras do *Ñanduti* em seus feitos de linha e existência.

Fotos: Adolfo Delvalle

Tipografia: Fernando Amengual. Paraguay, 2000.



AQUÍ ES DONDE REBOTAN LOS SUEÑOS

"Aquí é onde os sonhos são rebatidos" - frase no muro entre Tijuana e San Diego

por Júlio da Silveira Moreira

O que passa e o que fica barrado na fronteira entre México e Estados Unidos? Arrisco aqui uma resposta tendo observado o muro que divide as cidades de Tijuana e San Diego.

Em seu "Culturas Híbridas", de 1989, Canclini dizia: *"varias veces pensé que esta ciudad es, junto a Nueva York, uno de los mayores laboratorios de la posmodernidad"*. Mas, bem, em que sentido? Que pós-modernidade? Muita coisa se passou durante 20 anos, até que, em 2009, Canclini reavaliasse: *"es un laboratorio de la desintegración social y política de México como consecuencia de una ingobernabilidad cultivada."*

Esta é Tijuana. Paradoxo. De uma das fronteiras mais polarizadas do mundo. *Welcome to Tijuana!* Tequila, sexo, marijuana.

Welcome to Tijuana! Con el coyote no hay aduana. Uma cidade onde o hedonismo encontra-se com o selvagem e o desconhecido? Não... Essa é uma visão idealizada pelos que estão "do outro lado". Pelos que veem o outro como selvagem porque veem a si mesmos como civilizados. Essa pintura hedonista acaba servindo para ocultar grandes problemas, como a migração indocumentada e as deportações. Como a música de Manu Chao mostra, o clima é tenso.

Quando uma família é separada pela deportação, não pode voltar a se encontrar. Porque quem está aqui não pode ir pra lá, e quem está lá, se vier pra cá, não volta mais pra lá. Para solucionar o impasse, havia um Parque da Amizade, do lado de lá, onde a militarização dava um tempo. As famílias faziam piqueniques, metade de um lado das grades, metade do outro (e ainda falavam tanto do Muro de Berlim...). Em 2009, o parque acabou, e foi construído um muro adicional do lado de lá. Agora, quem está lá nem se aproxima, e quem está aqui faz pressão.

Esse muro é um paradigma do que se insiste em chamar de globalização, que "tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo", como diz Bauman. Divide o povo e une as vias de acumulação capitalista – as veias abertas. Nesse sentido, é mesmo um laboratório da desintegração social e política, como diz Canclini, mas não só do México.

É um muro sem vergonha. Tão sem vergonha que, não contente em se erguer metros acima, sobre a areia do deserto, se estende até o mar, e avisa: "Perigo. Ferros embaixo d'água". Ele não



separa, ele cria separação. Torna diferente o que é igual. A areia da praia e do deserto é a mesma. Mas quem caminha por ela, em cada lado, não é. Lá é militarização e controle. Aqui é gente.

É o muro de toda a América Latina. É lá onde se sente mais a pressão de tudo que vem de todo o Sul, desde a Terra do Fogo. Era essa pressão que levavam Pancho Villa e seus 1.500 soldados quando invadiram os Estados Unidos, em 1916.

A história se repete a cada dia. Muitos “Pancho Villa”, movidos pela necessidade de sobrevivência, cruzam, com papéis ou sem papéis, para o lado de lá, invadindo o lugar com sua latino-americanidade e mostrando que são os verdadeiros donos da terra, pois, como dizem os *Tigres del Norte*, “yo no crucé la frontera, la frontera me cruzó”.

Um desses “Panchos” me marcou. Caía a tarde feito um viaduto, e a multidão de trabalhadores mexicanos descia do trem, em San Diego, para cruzar a barreira de volta a *Tijuana*. Um senhor de barba e cabelos brancos levava sua bicicleta, e os guardas do lado de lá lhe chamaram a atenção. Então vi esse senhor berrar o “Fuck you” mais simbólico da história da língua inglesa.

Mas muitos no lado de cá nem chegam a cruzar. Tem gente que nasceu em *Tijuana*, ou vive lá há décadas, e nunca foi pro outro lado. Para eles, o muro é uma parede de cenário, como no filme “O Show de Truman”. O que dizer então da Colônia *Libertad*? Um bairro que cresce amontoando-se sobre o muro e que guarda milhares de histórias de migrantes retornados dentro de suas casas, construídas com dinheiro da migração. De que lado está a liberdade?

Água que passa, muro que barra. O Rio *Tijuana* corta a cidade, margeado pela rodovia ironicamente chamada de Via Internacional. Quando chega na fronteira, o rio passa, e o muro rebate a rodovia. Com mãos de ferro, o muro leva a rodovia até a praia. Só não muda o curso do rio porque não pode vencer a Natureza. E é ali, nesse rio, que está a imagem mais dura desse lugar: *El Bordo*.

O rio é canalizado, e, nas partes rasas do canal, milhares de pessoas encontram sua morada. Ali constroem suas barracas ou criam seus “quartos”, em cavernas formadas pelas secas galerias de circulação fluvial. São migrantes deportados que, não tendo perspectiva de vida no “novo” país onde foram despejados, ficam por ali, às vezes esperam uma hora certa de cruzar novamente, às vezes apenas ficam. Segundo dados do Colégio da Fronteira Norte (Colef), essa população tinha, em outubro de 2013, entre 700 e mil pessoas. Setenta por cento delas são detidas pela polícia ao menos uma vez por semana, pelos crimes de “não ter identidade”, “perambular” e ter um “aspecto” ruim.

...Y si los hombres pudiéramos volar... Assim escreveram nas grades do muro. Terminei este ensaio inspirado pela metáfora da “gente-pássara”, trabalhada pela antropóloga Kolar Aparna e pela artista Amaranta Caballero, mulheres de luz que tive a honra de conhecer em *Tijuana*. “Essa gente com sua capacidade interminável de auto-organização, de imaginação que não se limita por grades ou paredes, sempre voa”.

** Referências

MOREIRA, Júlio da Silveira. *Tijuana: a esquina da América Latina. Notas sobre a vida transfronteiriça e as deportações massivas*. In: DURÃES, Telma Ferreira Nascimento et al (orgs.). *Tráfico Internacional de Pessoas e outros trânsitos*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico / Editoria PUC Goiás, 2014.



Alabê Ôni:

quando soam os tambores,
quando o corpo é reza

Por Guilherme Cruz

Alinhando a ancestralidade com representações socioculturais o grupo percussivo desenha, pela sonoridade dos batuques, "outras" formas de pensar e vivenciar a cultura negra





Há um breve silêncio antes do início. Existe uma apreensão da plateia, juntamente com a concentração de quem está atrás do palco. No palco, vê-se várias representações de tambores. O único em pé, enfatizando seu local de destaque - e de elegância -, está o tambor de sopapo. Os pés descalços conduzem quatro homens vestidos de branco até o seu pé. Um por vez, reverência e toca sutilmente no couro que dá as primeiras sensações do que será o espetáculo - uma mescla de ritmo, ritual e ancestralidade. O toque e o volume vão aumentando, enquanto as mãos no sopapo começam a se multiplicar. Aquele tambor que já foi tronco de árvore e pele de cavalo, e que se tornou outra representação pela união de tantos elementos vivos, agora ressoa forte pelo espaço ocupado pelo público. Algo paira sobre o ar, deslizando sob as cabeças, se mostrando e convidando tod@s de maneira sutil e calorosa. Alguns já fecham os olhos, o corpo reage, atenção, respeito e desejo estão em muitas faces. O sopapo é tocado, e o couro curtido dança por alguns milímetros, subindo e descendo, sem perder o tom - e a mensagem. E o local começa a ser completado por um som denso. São os primeiros avisos de uma espécie de santidade que irá centralizar a atenção pelos próximos minutos. O som circular, que ao mesmo tempo abraça e anseia, afronta quem está na cadeira como mero espectador. Há uma perda da passividade, quem ali está se torna testemunha que unifica saberes, e assim o convite em forma de som se materializa para somar-se à tod@s naquele ato. O tambor que estava de pé agora deita-se. Os homens ao seu redor se dispersam solenemente, o toque de para Bará inicia-se, e o nobre tamboreiro abre-se para um canto de pluralidade e conhecimento.

Esses são os primeiros segundos do espetáculo criado pelo grupo Alabê Ôni. Formado por Richard Serraria, Pingo Borel, Mimmo Ferreira e Tuti Rodrigues, o grupo percussivo traz a ancestralidade africana como matriz para as manifestações culturais que resistiram no sul do país e nos países que compartilham divisas. Demonstrando uma linhagem, que possuiu em países como Uruguai e Argentina, um processo de reconhecimento e manutenção de uma cultura, constantemente, visada por tentativas de silenciamentos. Alabê Ôni, termo da língua iorubá que significa nobre tamboreiro ou grande



mestre dos tambores, configura os desafios de contar essa outra história sendo, desde 2012, a proposta desse grupo em suas apresentações e oficinas.

O grupo percorreu mais de cem cidades brasileiras apresentando e recuperando a história do tambor de sopapo. Reafirmando a presença essencial - mesclando sagrado e profano - do tambor nas festividades, rituais, e expressões artísticas e sociais de matriz africana. "Tocamos nos lugares mais longínquos do nosso país, em escolas, igreja, na rua, em quilombos e até em teatro(sic), as apresentações do grupo eram totalmente acústicas (ainda mantemos este formato), isso fazia com que o público que ali estava fizesse muito silêncio para escutar nossas falas, isso nos deixava muito mais próximos, olho no olho, a energia fluía de uma forma muito diferente, em alguns lugares chegaram a acontecer algumas incor-



porações de médiuns que estavam assistindo. Costumo dizer que 'os tambores nos levaram para esta viagem', pois os protagonistas são eles, o Tambor Sopapo, o Ilú, os tamboriles do Candombe, o tambor Maçambiqueiro", relata o pesquisador, percussionista e produtor Mimmo Ferreira, que traz em si a síntese dos diálogos propostos pelo grupo. Natural da fronteira entre Brasil e Uruguai, teve o registro do lado brasileiro e o nascimento no lado uruguayo - "Desde criança aproveitei muito tudo isso, meus avós paternos eram zeladores de santo, moravam em Rivera, depois se mudaram para Montevideo. Eu ia visitá-los na capital e tocava tambor nas festas de batuque da terra deles, nestas visitas conheci e me apaixonei pelo Candombe, desde então nunca mais nos separamos", recordou.

Desde a década 1990, pesquisadores e músicos - incluindo os integrantes do Alabê Ôni - buscam a revalorização do ambiente que o sopapo estava inserido no período colonial. A tese apresentada por Mario de Souza Maia, Sopapo e Cabobu: Etnografia de uma tradição percussiva no extremo Sul do Brasil, é um dos registros que tentam (re)contar essa história. Porém, um contar como ponto de criação, uma transhistória, como contraponto através de um imaginário que cria e valoriza a (outra) História. A pesquisa de Maia remonta a existência do sopapo, e pensa conjuntamente a diáspora de escravos trabalhadores das Charqueadas no século XIX, e a formação moderna das escolas de samba nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, juntamente com a intersecção com o Candombe uruguaio e argentino. Nesse trabalho, de aproximações e revelações, destaca-se uma epistemologia abrangente que traz um olhar que dialoga e incluiu saberes populares ao estudo: "No meu entendimento infantil, na década de 1960, apesar de assistir ao vivo e ouvir o som de um tambor enorme que participava dos desfiles, não podia me passar à cabeça que aquele tambor fosse o responsável pelo caráter distintivo do samba que era feito na cidade. E que nome estranho ele



tinha! Sopapo. Para mim e para todos, sopapo era algo que ninguém desejava - um tapa. Esse era o único significado do sopapo. Mas não foi difícil entender o porquê do nome, pois era 'tapeando' que se tocava o instrumento", relata na apresentação da tese o Doutor em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Visão de pesquisa que encontra similaridade dentro da Epistemologia das Macumbas, uma proposta desenvolvida em conjunto pelo historiador Luiz Antonio Símas, autor de Pedrinhas Miudinhas: Ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros, e por Luiz Rufino, autor de História e Saberes de Jongueiros, e Doutorando em Educação pelo PROPED/UERJ. "No que versamos como Epistemologia das Macumbas os tambores transcendem a dimensão de artefatos culturais para se manifestarem como entes. Tambor é corpo e corpo é tambor, para nós o corpo

é a primeira dimensão do ser no mundo, na diáspora é o caco e o elemento potente para a resiliência das presenças negro-africanas. É nessa perspectiva de uma ontologia das populações negro-africanas na diáspora que pensamos os tambores, entes encarnados que, a partir do transe inscrevem outras textualidades", comentou Rufino. Essa tradução de resistência, e constante renovação de saberes e conhecimento traz um pensamento que trata sobre sabedorias projetadas pela cosmovisão negro-africana, e seu transbordar para definir corpo, transe, conhecimento e identidade. A Epistemologia das Macumbas tem sido apresentada em oficinas e cursos, principalmente em um terreiro, e os autores preparam um livro sobre o tema.

O sopapo, como elemento e força central no Alabê Ôni, conduz um espetáculo que mistura cantos de



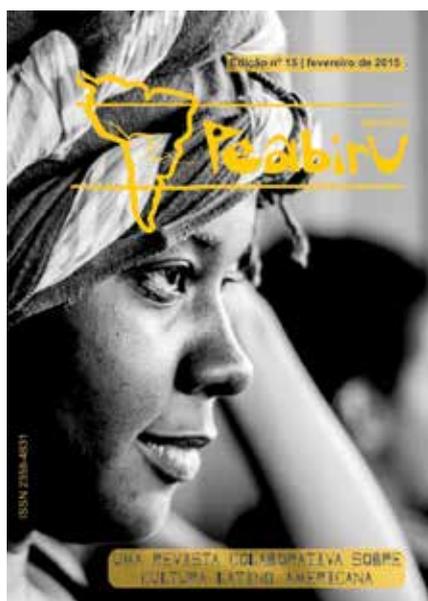
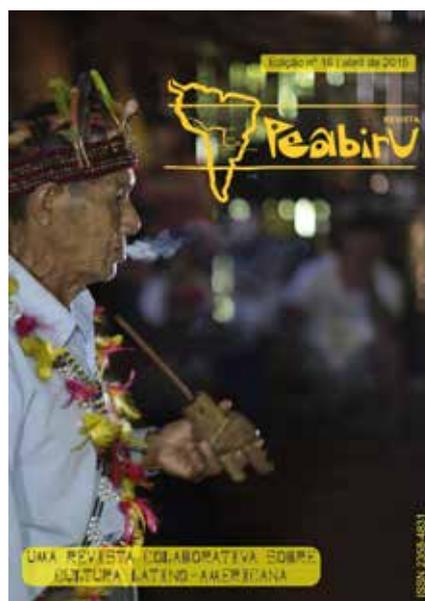
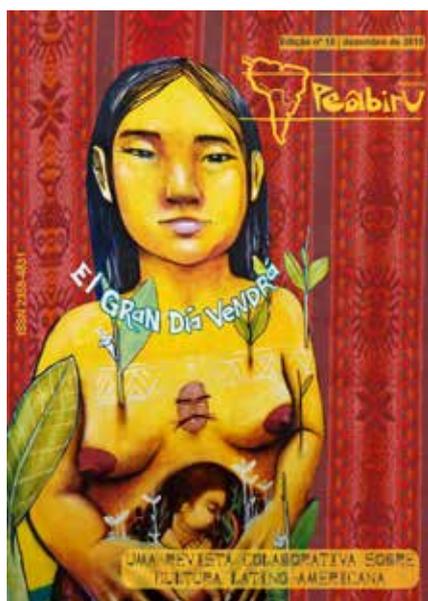
batuque de nação Oyó-Idjexá, com Candombes, e também cânticos e cantos de Maçambique e Quicumbi - manifestações da cultura negra ligadas à tradição religiosa do litoral norte e do extremo sul do Rio Grande do Sul (RS). Além de algumas fusões dos ritmos e cantos como o Maçambique com o Marabaixo, e o Taborinê afro gaúcho com o Tambor de Crioula do Maranhão. O novo projeto, intitulado Alabem Brasileiro, onde o grupo traz para os tambores gaúchos, os toques de manifestações culturais de matriz africana de alguns dos Estados por onde passou inicia um novo ciclo de diálogo intercultural. "Nossa intenção era de firmar a irmandade desses tambores fechando mais um elo na história afro brasileira, desta vez partindo do Rio Grande do Sul, com o Tambor Sopapo à frente", explica Ferreira. Dessas andanças o Alabê Ôni também gerou parcerias que lhe renderam um documentário sobre a sua trajetória e intercâmbios, e ainda um espetáculo voltado ao público infantil chamado Alabê Kekerê - Contação de Histórias e Lendas afro-gaúchas, com direção artística do poeta e escritor Mario



Pirata. Um esforço em demarcar nos espetáculos e nas oficinas uma visibilidade negra provinda do sul do país. "Desde o princípio tomamos todos os cuidados para mostrarmos essas manifestações. Sempre nos reportamos aos nossos antepassados e aos nossos guias pessoais pedindo licença e suas bênçãos para que possamos mostrar um pouco das histórias que são também partes de nós. Esse cuidado já está introjetado em nós e não precisamos nos preocupar com a questão da espetacularização, mesmo sabendo que estamos fazendo uma representação artística destas manifestações, dentro delas já existe uma beleza e uma magia intrínseca que naturalmente se conecta com cada pessoa que assiste, é tudo muito simples e ao mesmo tempo muito profundo", disse Mimmo. Expondo uma cultura afroamericana, que segundo o venezuelano Jesús "Chucho" García, é resultado de um largo processo de conservação-recriação, criação e transformação dentro das condições sociohistóricas e econômicas que povos da América Latina e Caribe vivenciaram.



◀◀ INTEGRE-SE



SITE: REVISTAPEABIRU.WIX.COM/REVISTAPEABIRU
FANPAGE: FACEBOOK.COM/REVISTAPEABIRU
UNILA, FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ, BRASIL
E-MAIL: REVISTA.PEABIRU@GMAIL.COM



MAIS CULTURA NAS
UNIVERSIDADES
MEC/MINC

